

1937
1761
—
26

os livros que escreveu sobre os três grandes nomes com os quais manteve uma relação pessoal, em níveis determinados: Nietzsche (*Friedrich Nietzsche in seinen Werken*, "essencialmente uma investigação"), Rilke (*Rainer Maria Rilke*, "que consiste em memórias pessoais") e Freud (*Man Dank Freud*, "uma expressão de gratidão"). Depois do Congresso de Weimar (1911), a que compareceu como convidada, passa algum tempo em Viena, iniciando aí um contacto mais próximo com Freud, principalmente através da correspondência que se prolongaria até 1936, ano de sua morte. Na sua profunda gratidão a Freud, que lhe "permitiu a descoberta da psicanálise" revela o que ele representou na última fase de sua vida ao referir-se ao "rosto paterno que presidiu minha vida".

Freud coloca suas dúvidas pessoais, comenta seus trabalhos e, muitas vezes, esboça as idéias que desenvolverá mais tarde: o ensaio *Moisés e o Monoteísmo* foi dessa forma comunicado a Lou A.-S. num momento em que sua publicação se tornava impossível na Áustria. Sua lucidez e pessimismo diante do rumo do seu tempo estão expressos neste trecho: "(...) não tenho dúvidas de que a humanidade sobreviverá até mesmo a esta guerra, mas tenho a certeza de que para mim e meus contemporâneos o mundo jamais será novamente um lugar feliz. E o mais triste de tudo é que temos aqui exatamente o modo pelo qual deveríamos ter esperado que as pessoas se comportassem, a partir do nosso conhecimento da psicanálise. Devido a essa atitude com relação à humanidade, nunca pude concordar com o seu jubiloso otimismo. Minha conclusão secreta sempre foi: desde que só podemos considerar a mais elevada civilização atual como carregada de uma enorme hipocrisia, conclui-se que somos organicamente inadequados a ela. Somos forçados a abdicar e o Grande Desconhecido, Ele ou Alguma Coisa, emboscado atrás do Destino, algum dia repetirá esta experiência com outra raça. (...)" (De Freud a Lou A.-S. em 27.7.1916.)